

Irã: O que aconteceu depois da repressão aos trabalhadores de Haft Tapeh e aos siderúrgicos de Ahvaz?

Link:

<https://libcom.org/article/iran-what-after-repression-haft-tapeh-workers-and-steelworkers-ahvaz>

Em um tuíte de 18 de dezembro de 2018, Robert J. Palladino, porta-voz adjunto dos Escritórios de Assuntos Públicos, relatou: "Ontem, o regime do Irã prendeu trabalhadores siderúrgicos que simplesmente pediram para serem pagos por seu trabalho. Infelizmente, é assim que o regime sempre maltratou o povo iraniano. Os EUA apoiam suas reivindicações legítimas. Os iranianos merecem viver em paz e com dignidade. #کارگران #betheirvoice". ([Mais de 40 trabalhadores siderúrgicos de Ahvaz detidos em uma batida noturna](#))

O governo Trump está bem ciente de que o regime dos aiatolás usa essas declarações para sugerir que os trabalhadores em greve foram manipulados por agentes estrangeiros. Os EUA estão vendo com crescente desconforto como as lutas dos trabalhadores no Oriente Médio se expandem ainda mais e estabelecem metas cada vez mais altas desde dezembro de 2017. Os capitalistas americanos obviamente não querem que sua desejada "mudança de regime" seja realizada por Conselhos de Trabalhadores vitoriosos! Assim como quando, em outubro de 1917, os trabalhadores russos conquistaram todo o poder com seus Conselhos de Trabalhadores para acabar com a participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial, uma vitória dos Conselhos de Trabalhadores sobre o regime dos aiatolás se tornaria um exemplo a ser seguido pelos trabalhadores de todo o mundo. Quando os trabalhadores e soldados alemães seguiram o exemplo de seus camaradas russos em novembro de 1918 e voltaram suas armas contra seus próprios exploradores e governantes, a Primeira Guerra Mundial chegou a um fim definitivo. Os proletários do Oriente Médio ainda não se deram conta disso, mas a luta para defender sua situação de vida e contra a guerra imperialista está se desenvolvendo em direção a uma revolução na qual a derrubada do regime do Xá foi apenas uma brincadeira de criança.

CAPÍTULO I: O FIM DA GREVE DOS TRABALHADORES DA PLANTAÇÃO E FÁBRICA DE CANA-DE-AÇÚCAR HAFT TAPEH

Na quinta-feira, 29 de novembro, os trabalhadores já estavam em greve há 23 dias contra meses de falta de pagamento de salários. No dia seguinte, o Conselho de Administração da empresa anunciou que a greve havia terminado. Isso foi feito depois que a famosa polícia religiosa garantiu que os trabalhadores aposentados pudessem entrar na empresa como fura-greve e reiniciou a produção. Ao mesmo tempo, o Ministério do Trabalho anunciou que os trabalhadores haviam recebido dois meses de salários não pagos em suas contas bancárias. No entanto, isso não impediu que os trabalhadores continuassem seus protestos. Eles exigiram o restante de seus salários, o fim da privatização da empresa e a libertação do ativista trabalhista preso Ismail Bakhshi, que foi detido em 18 de novembro junto com outros 18 trabalhadores. "*O trabalhador preso deve ser libertado*", disseram os trabalhadores em Shush. Eles também gritaram: "*somos trabalhadores, não desordeiros*", em resposta à forma como o governo tem tratado os protestos dos trabalhadores no Irã. ([Os protestos dos trabalhadores do Irã continuam pela terceira semana, apesar das ameaças](#))

Depois de liberar todos os trabalhadores do Haft Tapeh presos sob fiança, seu principal porta-voz, Ismail Bakhshi, acusado de colocar em risco a segurança do Estado, foi finalmente libertado da prisão, gravemente ferido e muito traumatizado após severas torturas que quase lhe custaram a vida. Ele agora está em prisão domiciliar e não tem permissão para ter qualquer contato com o mundo exterior ou mesmo para distribuir uma foto de sua condição¹. Imagens de vídeo dos discursos anteriores de Ismael Bakshi percorreram o Irã e o mundo todo. Ele representou a tendência entre os trabalhadores em favor de um Conselho de Trabalhadores ("Shora" em farsi). No Irã, está circulando [um texto de avaliação](#) que indica que as autoridades eliminaram Ismael Bakshi deliberadamente para enfraquecer aqueles que querem um Conselho de Trabalhadores e para fortalecer a tendência sindical². Isso teria feito com que os trabalhadores ficassem satisfeitos com o pagamento de dois meses de salário. Até onde se sabe, o trabalho foi

¹ [Ativista trabalhista da cana-de-açúcar foi severamente torturado e alimentado com drogas alucinógenas na prisão](#).

² A esse respeito, é notável a notícia de 29 de novembro de que as forças de segurança, naquele dia, visitaram a casa de um importante sindicalista do Sindicato da Fábrica de Cana-de-Açúcar de Haft Tapeh para prendê-lo. Ali Nejati não estava em casa. Ali Nejati não estava em casa. Anteriormente, ele foi detido e cumpriu pena de prisão por atividades sindicais. ([Os protestos dos trabalhadores do Irã continuam pela terceira semana, apesar das ameaças](#)). De acordo com outros relatos, Ali Netaji foi violentamente preso no mesmo dia, apesar do fato de o homem ter problemas cardíacos e renais. ([Ativista trabalhista iraniano acusado de "perturbar a ordem pública" e "espalhar propaganda"](#)). Enquanto isso, Netaji foi transferido para o hospital.

de fato retomado e o slogan "*Pão, Trabalho, Liberdade e Conselho de Trabalhadores*" perdeu seu poder no momento.

O texto de avaliação mencionado acima menciona o isolamento como um motivo importante para o fim da greve em Haft Tapeh. Não se deve esquecer que os trabalhadores buscaram conscientemente a solidariedade. Durante as manifestações nas ruas, os trabalhadores pediram "*solidariedade e unidade com outros locais de trabalho e cidades que estão enfrentando problemas semelhantes com a gerência. Em particular, com a atual disputa e greve que está ocorrendo na fábrica de aço Foolad, na cidade vizinha de Ahvaz. O slogan "Viva a unidade de Foolad e Haft Tapeh" rompeu as barreiras da unidade e da solidariedade de classe. Isso foi bem recebido pelos trabalhadores de Foolad e, no dia seguinte, eles responderam com os mesmos slogans em sua manifestação*". (A crise e a ascensão da luta dos trabalhadores no Irã).

Podemos tirar **duas conclusões** disso:

Primeiro, que estar em greve em duas cidades "próximas" (100 km) ao mesmo tempo não é suficiente, mas que a organização dos trabalhadores não deve se limitar ao local de trabalho, mas também deve abranger áreas geográficas maiores.

Em segundo lugar, a busca por solidariedade ativa deve ter um foco mais amplo do que "problemas semelhantes com a administração", ou seja, a falta de pagamento de salários, muitas vezes no contexto de uma "privatização" manipulada pelo Estado de empresas estatais. Naquela época, o regime do Xá só começou a vacilar de fato quando os trabalhadores do petróleo, relativamente privilegiados, entraram em greve.

CAPÍTULO II: O FIM DA GREVE DOS METALÚRGICOS EM AHVAZ?

Em 29 de novembro, quando a greve em Haft Tapeh iniciou seu 23º dia, os trabalhadores siderúrgicos em Ahvaz³ estavam em greve há 18 dias. Três semanas depois, em 17 de dezembro, surgiram os primeiros relatos de prisões de trabalhadores siderúrgicos em greve. Na noite de domingo para segunda-feira, 15 siderúrgicos foram presos em casa, além de alguns transeuntes. O Iran News Wire forneceu detalhes sobre os trabalhadores presos e mencionou que alguns escaparam passando a noite na rua.

³ Nos relatórios, a empresa em Ahvaz é mencionada de diferentes maneiras: simplesmente como Foolad (Farsi para "aço"), ou a abreviação INSIG, que significa a fábrica em Ahvaz do "Iran National Steel Industry Group". Para ter uma ideia do tamanho dessa fábrica, consulte seu site [INSIG](#).

Essas prisões ocorreram no 37º dia de greve dos trabalhadores siderúrgicos (no domingo). Em 18 de dezembro, foi anunciado que as forças de segurança haviam prendido ainda mais trabalhadores grevistas em casa durante a noite, enquanto suas famílias estavam sendo intimidadas.

As duas manifestações dos trabalhadores do setor siderúrgico em Ahvaz teriam sido motivadas pela "raiva" dos trabalhadores do setor e pela ameaça de uma manifestação em Teerã caso suas reivindicações não fossem atendidas. A *Iran News Wire* relatou várias manifestações de diferentes categorias sociais, espalhadas por todo o país. Pessoas de todo o Irã expressaram seu apoio aos trabalhadores detidos e exigiram sua libertação. Durante uma manifestação em Teerã, em frente ao Parlamento iraniano, exigindo o aumento das aposentadorias, os aposentados expressaram seu apoio aos trabalhadores siderúrgicos e pediram: "*Os trabalhadores presos devem ser libertados*".
(Irã prende dezenas de trabalhadores siderúrgicos em greve em Ahvaz)

CAPÍTULO III: LIÇÕES DO DESENVOLVIMENTO DA LUTA DOS TRABALHADORES DESDE DEZEMBRO DE 2017

Desde a virada do ano 2017-2018, vimos que a luta proletária no Oriente Médio está se desenvolvendo em um movimento de ascensão e declínio, no qual cada onda emergente encontra certos obstáculos e, em seguida, para abruptamente ou desaparece lentamente. As massas de trabalhadores sempre incorporaram as limitações de sua luta em uma consciência mais elevada e em uma organização de massa correspondentemente melhor. Como resultado, essas limitações poderiam ser superadas na próxima onda de lutas. A extensão a parcelas cada vez maiores do proletariado e até mesmo a outras parcelas da população que não pertencem à "alta" burguesia tornou possível estabelecer metas de luta cada vez mais altas. Agora que a luta de Haft Tapeh em Shush e dos trabalhadores siderúrgicos em Ahvaz parece ter chegado ao fim, chegou um momento importante para aprender as lições. É como uma criança pequena aprendendo a andar. Na próxima onda de luta - independentemente de ocorrer imediatamente ou mais tarde - as etapas anteriores são repetidas, desde a capacidade de se virar e engatinhar até ficar de pé e andar, para aprender as lições dos movimentos anteriores de forma prática.

I) DAS GREVES DOS TRABALHADORES DO PETRÓLEO NO CURDISTÃO IRAQUIANO ÀS GREVES NO IRÃ

É promissor que o movimento atual tenha começado no final de 2017 no Iraque e se espalhado de lá para o Irã:

"Primeiro, houve mobilizações espontâneas dos trabalhadores do setor de petróleo, às quais se juntaram desempregados e funcionários públicos que o governo - privado das receitas do petróleo - havia deixado sem pagamento. A renúncia do primeiro-ministro não conseguiu deter a raiva que já estava crescendo. As manifestações logo se voltaram contra o aparato político da burguesia curda como um todo: as sedes dos cinco partidos curdos foram queimadas pela multidão. A partir daí, seguiu-se uma cruel repressão.

As imagens [no YouTube] mostram uma manifestação em 30 de dezembro em Shiraz. Os manifestantes estão gritando: "Ditadura, vocês deveriam ter vergonha e ir embora". Também houve gritos de "Abaixo os Guardas" e a fotografia do oficial militar de mais alta patente dos "Guardas Revolucionários" (Gjadem Seimani, que estava engajado na Síria) foi queimada. Eles pediram que as forças da ordem se juntassem a eles e exigiram sua solidariedade com os manifestantes.

Não sabemos mais sobre o curso das mobilizações após as primeiras ondas de repressão porque, desde o dia 19 [de dezembro], não encontramos nenhuma notícia na mídia internacional. Mas no dia 28, apenas duas semanas depois, começaram a aparecer vídeos no YouTube, como o seguinte:

<https://www.youtube.com/watch?v=5OFz8ikphnU&w=762&h=425>

Do outro lado da fronteira, em Kermanshah, no Curdistão iraniano, começaram as manifestações espontâneas contra o aumento dos preços, o desemprego e a corrupção (6), que se espalharam quase imediatamente para Mashhad e Teerã. Embora o Estado iraniano tenha optado inicialmente por uma repressão branda, o caso é que elas ganharam força há dois dias, indo das ruas para as empresas e fábricas, convertendo-se em uma onda de greves políticas externas e contra o sindicalismo oficial". (Nuevo Curso Mobilizações de trabalhadores no Oriente Médio)

Portanto, vemos um **movimento que está se espalhando internacionalmente, ultrapassando as fronteiras dos estados**. Desde o início, essa tem sido uma característica importante que será restabelecida nas próximas ondas de batalha. Será de enorme importância se os trabalhadores em greve e nas manifestações também

indicarem explicitamente com slogans e em faixas ou cartazes que eles assumiram as lutas dos trabalhadores em outros países.

Além disso, vimos **as greves nas fábricas passarem para manifestações de rua** em que trabalhadores de outras empresas, proletários desempregados e outros setores não capitalistas da população podem participar. Isso dá uma dinâmica completamente diferente e, em última análise, revolucionária, do que quando, ao **contrário, os trabalhadores se juntam a um movimento do "povo"**, no qual, na prática, prevalecem as classes médias e sua luta burguesa por "democracia" e participação em eleições ou outras mudanças no topo, como no caso dos coletes amarelos na França e na Bélgica. Em 1978/1979, a "oposição" da Frente Nacional e dos aiatolás afogou o movimento dos trabalhadores no Irã no movimento do "povo" e o restringiu à expulsão do Xá, com o Estado e o exército mantendo o poder.

2) MANIFESTAÇÕES DE RUA DE JOVENS DESEMPREGADOS, SUCESSÃO DE SLOGANS CONTRA A GUERRA

De fato, vimos que, enquanto o movimento de trabalhadores nas fábricas chegava ao fim (os motivos ainda não foram investigados), principalmente **jovens proletários desempregados saíram às ruas com slogans contra o regime e contra as guerras que ele está travando no Oriente Médio**. Eles brincaram de gato e rato com os fanáticos religiosos da força policial paramilitar Basij em suas motocicletas. Esses Basij são mais um complemento do arsenal de repressão estatal contra a população, cujo poder principal é formado pelo exército e pelas unidades de elite do Pasdaran (Guarda Revolucionária Islâmica ou "guardiões da revolução").

O Nuevo Curso resumiu a situação no final de 2017 da seguinte forma, explicando por que essa onda de luta teve que terminar:

"Não sabemos se houve tentativas de organização independente, se as greves e manifestações têm algum tipo de coordenação ou se são apenas movimentos de rua. É possível que tenha havido tais tentativas, mas as informações não podem chegar de forma mais fraca ou filtrada. De qualquer forma, parece que a classe trabalhadora está começando a despertar e a mostrar uma tendência a agir politicamente independente do Estado e da burguesia, além das fronteiras nacionais, linguísticas e étnicas. E em um lugar que é, neste exato momento, o centro do conflito imperialista global. E isso,

embora não avance mais no momento, já constitui um salto qualitativo muito importante. Começa a surgir uma força capaz de mudar tudo". (Nuevo Curso Mobilizações de trabalhadores no Oriente Médio)

Em 3-1-2018, o Nuevo Curso entrará em mais detalhes sobre o declínio das manifestações de rua na virada do ano:

"A chave não está tanto nas ameaças de Khamenei e no desenvolvimento da repressão, que já soma uma dúzia de mortos e mais de 1.000 detidos, "suave" até agora em termos do regime. O ponto principal é o fracasso da convocação de greves na última terça-feira. (...) A tentativa de substituir a organização pela convocação de uma greve nacional a partir do nada, usando simplesmente o aplicativo "Telegram" e a Internet, só poderia levar ao fracasso. O "tecnico-insurrecionalismo" não é uma alternativa válida para a organização de classe. (...) As razões para a resistência do movimento são muito mais profundas do que o medo da repressão. A repressão agora vem para liquidar um movimento em retirada, mas não causou sua recessão. Como vimos nos primeiros dias das mobilizações, quando o movimento é forte o suficiente, a repressão se mantém à distância e se mostra impotente. É a recessão da mobilização, sua incapacidade de avançar e tomar uma forma organizacional que favorece a repressão".

(Nuevo Curso Por que o movimento no Irã está em refluxo?)

Foi somente mais tarde, na luta dos trabalhadores de Haft Tapeh, que uma organização foi formada.

3) APESAR DA REPRESSÃO, GREVES E MANIFESTAÇÕES EM TODO O IRÃ, TUNÍSIA E JORDÂNIA

A repressão assumiu outras formas. Não mais a prisão de trabalhadores militantes conhecidos publicamente, porque não havia tais trabalhadores por falta de uma organização que fosse de domínio público. Principalmente à noite, supostos desordeiros "desconhecidos" eram presos, que simplesmente desapareciam ou eram deixados para trás no rio ou ao longo da estrada, com seus cadáveres severamente mutilados por torturas como exemplo de dissuasão. Esse terror de Estado não conseguiu impedir que greves continuassem a ocorrer e que manifestações de todos os tipos fossem realizadas, sendo a mais conhecida a das mulheres que tiraram publicamente seus véus.

Desde janeiro de 2018, as manifestações de jovens desempregados na **Tunísia** também voltaram a se manifestar. Tudo começou com uma hashtag: #fechnestanne: O que estamos esperando? ([La Tunisie entre révolte sociale et promesses politiques](#)). "Em três dias, ficou claro que uma pessoa morreu e dezenas ficaram feridas, enquanto, de acordo com os números fornecidos ontem pelo Ministério do Interior de Túnis, cerca de 600 pessoas foram presas. A tensão não parece ter diminuído e novas manifestações, incluindo protestos, ainda estão planejadas em várias cidades importantes do país, incluindo a capital". ([Vent de révolte de la jeunesse en Tunisie](#))

Foi muito impressionante o fato de que na **Jordânia**, em maio de 2018, houve "simultaneamente uma onda de greves e protestos de trabalhadores e desempregados (...) contra aumentos de impostos, aumentos de preços e corrupção estatal". Na verdade, esse movimento de trabalhadores mal remunerados contra o aumento dos preços do gás e da eletricidade começou alguns meses antes no campo e se transformou em protestos maciços na capital Amã, que duraram mais de uma semana e que os sindicatos tiveram dificuldade em conter e controlar". ([Baboon Class struggle in Jordan's war economy](#)). Ao injetar bilhões na economia jordaniana, o capital conseguiu impedir que a luta dos trabalhadores na Jordânia subisse tanto quanto no Irã.

O movimento ainda parece depender principalmente do anonimato e das mídias sociais, e a falta de organização não foi superada. O último movimento "espontâneo" ocorre imediatamente na fronteira com o Irã.

4) O MOVIMENTO ATRAVESSA AS FRONTEIRAS PARA O SUL DO IRAQUE

"A partir de 8 de julho, vários protestos espontâneos eclodiram no centro e no sul do Iraque, envolvendo milhares de manifestantes. Eles se espalharam por oito províncias do sul muito rapidamente e, cerca de quinze dias depois, pelas ruas de Bagdá. Esses protestos seguiram-se a protestos significativos na Jordânia e no Irã exatamente sobre as mesmas questões. O movimento no Iraque deve ter tomado conhecimento desses protestos e se inspirado neles, dadas as semelhanças básicas (...) Não apenas os prédios governamentais e municipais foram alvo de ataques dos manifestantes, mas também as instituições xiitas, o que desmente seu "apoio" hipócrita à onda de protestos. O populista "radical" al-Sadr teve sua delegação aos manifestantes atacada e expulsa - isso foi mostrado em imagens nas mídias sociais. Todas as principais instituições xiitas

*foram rejeitadas e seus escritórios foram atacados, e o que torna isso ainda mais importante é que os ataques vieram de seus próprios eleitores no coração xiita, com os manifestantes ironicamente usando o termo **Safavids** para descrever seus líderes, uma expressão que se refere às dinastias xiitas do passado, frequentemente usada pelos sunitas como um termo de abuso. Aviões iranianos foram saqueados no aeroporto da cidade sagrada xiita de Najaf e os quartéis-generais das milícias pró-iranianas, incluindo as Unidades de Mobilização Popular, foram alvejados e queimados junto com escritórios do governo". (Baboon Iraq: marchando contra a máquina de guerra)*

Algumas características desse movimento e os motivos subjacentes dos proletários merecem atenção especial:

a) Ocorreram **simultaneamente no Irã e no Iraque e foram dirigidas contra a mesma situação**: desemprego, falta de serviços básicos como eletricidade (em parte vinda do Irã, mas cortada por falta de pagamento), água potável e água para agricultura (aproveitada para usinas nucleares no Irã), assistência médica, aluguéis altos, falta de pagamento de salários, a total implausibilidade dos políticos por corrupção, favoritismo e fraude eleitoral. (Baboon Iraq: advance against the war economy). Como a situação no Irã e no Irã não mudou substancialmente, é possível passar da simultaneidade tácita para a **expansão deliberada e explícita e para a unificação organizacional além das fronteiras nacionais**.

b) "Na verdade, devido à ausência das autoridades xiitas em Bagdá, as [autoridades] religiosas locais assumem funções estatais, o que explica por que elas foram particularmente visadas." ("Échanges et Mouvement" sobre a revolta em massa deste verão no Iraque). "De acordo com o Kurdistan News 24, 14-7-18, unidades regulares do exército iraquiano se juntaram aos protestos em pelo menos uma província. Quando os protestos deram um passo à frente e atingiram Bagdá, o Middle-East Eye, 19-7-18, relata o slogan 'Não sunita, não xiita, secular, secular!' vindo de grandes multidões." (Baboon Iraq: marchando contra a máquina de guerra)

c) "A adesão à religião xiita em combinação com a miséria social entre os jovens (60% da população tem menos de 24 anos) explica por que mais de 60.000 deles entraram voluntariamente no exército para combater o Daesh. 1.580 foram mortos e 3.000 perderam pelo menos uma perna. Todos esperavam obter alguma vantagem com esse

engajamento, mas, quando voltaram para casa, foram totalmente abandonados, passaram por uma situação comum e estão ainda mais frustrados." (A presença de **proletários uniformizados e soldados desmobilizados** tem sido decisiva em todas as revoluções proletárias para **defender os trabalhadores em greve e em manifestação contra a repressão estatal**. Agora, a repressão já é uma questão que terá de ser resolvida em uma das próximas ondas de luta.

d) "A situação geral tornou-se ainda mais explosiva porque, enquanto as atividades petrolíferas se desenvolvem, os habitantes não têm quase nenhuma chance de encontrar um emprego, pois as multinacionais que exploram o petróleo preferem contratar migrantes do Sudeste Asiático, que são particularmente dóceis e mal pagos." ('Échanges et Mouvement' sobre a revolta em massa deste verão no Iraque <https://afreeretriever.wordpress.com/2018/10/26/iraq-the-sequels-of-the-war-against-dae-sh>). Conforme observado anteriormente, os trabalhadores do setor petrolífero do Oriente Médio são provavelmente os últimos a participar do que, de insurreição ou revolta, se transformou em um movimento rebelde. As **greves dos trabalhadores do setor petrolífero** no Curdistão iraquiano (ou Iraque curdo), que deram início à primeira onda de lutas, foram uma exceção nesse aspecto: o Estado iraquiano não pagava mais seus salários. O capital e o Estado prendem os trabalhadores do petróleo a si mesmos, oferecendo-lhes privilégios em termos de salários, condições de trabalho, instalações e protegendo-os do restante da classe trabalhadora (moradia em distritos especiais ou até mesmo nas instalações da empresa) ou usando barreiras linguísticas (migrantes). Porém, quando estiver claro que, no passado, a greve dos petroleiros virou o equilíbrio de poder de cabeça para baixo, os trabalhadores podem investigar as possibilidades existentes em cada situação concreta para envolver os petroleiros em sua luta.

No sul do Iraque, há outro fato, também conhecido da luta dos trabalhadores na Tunísia: **os trabalhadores desempregados vão às empresas e exigem ser contratados**. O desemprego em massa "... explica os eventos que eclodiram, começando com um simples bloqueio da entrada de uma refinaria em 8 de julho por jovens que estavam determinados a conseguir um emprego. A repressão brutal a esse piquete foi a faísca que inflamou toda a região em um vasto movimento de protesto contra o poder xiita local, no qual milhares se manifestaram todas as sextas-feiras contra a degradação de suas condições de vida, a corrupção, o desemprego e a repressão". ('Échanges et Mouvement' sobre a revolta em massa neste verão no Iraque). Portanto, os trabalhadores

em greve podem considerar a fusão de sua luta com a dos desempregados, por exemplo, abrindo os **portões da empresa para eles** quando houver ameaça de repressão ou para facilitar a participação ativa em reuniões de massa. Essa etapa também aponta o caminho para o futuro em que a repressão foi eliminada, ou seja, o Estado foi destruído e as empresas não produzem mais para obter lucro, mas para atender às necessidades sociais. Nesse momento, **os desempregados são incluídos em massa na produção** para que os trabalhadores possam controlar a produção em conjunto pelos Conselhos e o tempo de trabalho possa ser drasticamente reduzido.

5) A LUTA EM HAFT TAPEH EM SHUSH E DOS TRABALHADORES SIDERÚRGICOS DE AHVAZ EM HAFT TAPEH

É provável que a luta dessas duas grandes empresas no sudoeste do Irã nos últimos meses de 2018 tenha sido inspirada pelos movimentos dos trabalhadores no verão, especialmente no sul do Iraque, que enfrentaram as mesmas condições miseráveis que as do Irã. No Irã, as greves dos trabalhadores do açúcar e do aço chamaram a atenção com imagens de vídeo de reuniões em massa de grevistas e porta-vozes atuando abertamente compartilhadas pela Internet, entre as quais Ismail Bakhshi apresentou a perspectiva de um Shora. Por grupos revolucionários na Europa e na América, isso foi aclamado como um Conselho de Trabalhadores e até mesmo como um Soviete, como os conselhos revolucionários foram chamados nas Revoluções Russas de 1905 e 1917. O Nuevo Curso previu uma situação de "duplo poder" e deu a impressão de ver uma "situação pré-revolucionária" no Irã. De qualquer forma, o que era verdade é que o dilema da expansão pela Internet sem maior organização havia sido rompido com a Haft Tapeh e a INSIG: havia reuniões gerais de grevistas nas fábricas e também manifestações de rua, às quais trabalhadores de outras fábricas, desempregados e parte da população não capitalista haviam aderido. Havia porta-vozes que eram pelo menos tolerados, talvez até eleitos pelas reuniões dos grevistas. O tamanho das duas empresas, cada vez com centenas, talvez milhares de trabalhadores, proporcionou a massa crítica que ofereceu proteção contra a repressão.

Ambas as empresas enfrentaram o mesmo problema que existe em todas as regiões do Irã: uma empresa estatal é **supostamente privatizada** e, em seguida, o capitalismo de estado se esconde atrás de gerentes "privados" para reduzir as atividades e fazer com que **os salários sejam pagos com atraso ou não sejam pagos**. Em outros casos, são as

empresas municipais ou estaduais que não pagam os salários. Isso **isolou** os trabalhadores do açúcar e do aço dos trabalhadores que recebem salários e dos proletários desempregados, especialmente das enormes massas de jovens sem trabalho. É preciso dizer que o slogan comum "*Pão, Trabalho, Liberdade e Conselho dos Trabalhadores*" era muito geral, muito vago em suas exigências para que essas partes do proletariado pudessem se identificar. Além disso - e relacionado a isso - havia uma **falta de coordenação organizacional das ações dos trabalhadores do aço e do açúcar**. Um Conselho de Trabalhadores pode resolver esse impasse, mas em um sentido diferente do que provavelmente pretendia Haft Tapeh.

UM ALÉM: RELIGIÃO E MULHERES

Um ponto importante que merece ser mencionado separadamente, porque está presente em todos os estágios da luta, é o da religião e da posição das mulheres. Tanto a existência de diferentes religiões, suas lutas mútuas, quanto as questões da divisão de papéis entre homens e mulheres são questões mais antigas que o capitalismo. O capitalismo não foi capaz de resolver os problemas resultantes - não importa o que os democratas liberais de esquerda queiram nos fazer acreditar - mas muitas vezes os exacerbou ao promover a divisão e o domínio por religião, gênero, idioma, nação etc. O capital é muito capaz de dividir a classe trabalhadora em "identidades" sem poder. No Oriente Médio (mas não apenas lá), argumentos religiosos são usados para a opressão das mulheres. Assim, as mulheres e sua opressão são fundamentais para as ideologias que mantêm a classe trabalhadora sob as garras do capitalismo, desde o fundamentalismo religioso até o feminismo burguês. Se a classe trabalhadora conseguir acabar com o capitalismo, essas questões poderão ser definitivamente resolvidas. A maneira como essas questões são tratadas aqui e agora deixa claro os grandes contornos de qual será a melhor maneira de lidar com elas em uma sociedade futura.

A divisão tradicional de papéis entre homens e mulheres tem origem em um passado em que as necessidades da sociedade eram atendidas de uma forma diferente da atual: por meio da agricultura, do artesanato e do comércio. Em essência, essa divisão de papéis entre os sexos não se aplica mais aos trabalhadores assalariados. Na pior das hipóteses, a mulher é privada das tarefas produtivas na família e na produção que antes lhe davam prestígio e poder. Ideias de cunho religioso dão uma imagem idealizada do papel da mulher no passado, o que pode ser confundido com uma crítica ao que é visto como

desvantagens do capitalismo moderno. O mesmo pode se aplicar a fazendeiros, comerciantes e artesãos - ou trabalhadores desses estratos - que desejam disfarçar sua dependência de salários, ou da graça dos bancos para empréstimos ou subsídios e benefícios estatais, com uma regra de conduta do passado que não é mais eficaz.

A melhor maneira pela qual os trabalhadores militantes podem responder aos argumentos religiosos é trazer a discussão para a **situação atual de dependência do capital e/ou do Estado**. Em geral, é contraproducente responder a argumentos religiosos, assim como suprimir a religião e a agitação antirreligiosa só a fortalece. E mais: uma pessoa não pode forçar a outra a adotar um determinado estilo de vida, nem em uma direção, nem em outra. "Se você quer usar um lenço na cabeça, tudo bem. Se você não quer, tudo bem também". Isso não é o mesmo que um **estado secular ou estado laico**, porque com esse slogan geralmente se quer **dizer um estado burguês**, do qual a França é o exemplo clássico. Um estado laico também exerce a ditadura do capital e, sob o pretexto de "democracia" ou não, ataca os trabalhadores da mesma forma quando eles lutam por seus próprios interesses.

A classe trabalhadora avança ao **se organizar em massa em uma unidade de luta, independentemente de religião, idioma, nação, gênero ou qualquer outra divisão burguesa**. A experiência da luta proletária tanto no Irã quanto no Iraque mostra que os exploradores e opressores são vistos pelas massas, apesar de suas máscaras religiosas. As mulheres que tiraram seus véus entenderam que a ascensão da luta dos trabalhadores no Irã lhes deu uma abertura para a liberdade. Durante os movimentos grevistas, as mulheres tomaram a palavra explicitamente - com ou sem véu, não importava - para expressar suas ideias a partir de suas experiências como colegas, membros da família e como mulheres.

CAPÍTULO IV: ALGUMAS PERSPECTIVAS

O slogan "*Pão, Trabalho, Liberdade e Conselho de Trabalhadores*" tem desempenhado um papel importante ao concentrar a luta dos trabalhadores em objetivos comuns. À medida que o movimento dos trabalhadores se espalha por regiões e setores - e até mesmo por fronteiras nacionais - e leva cada vez mais partes da população não capitalista atrás de si, surgem novas demandas, algumas das quais se referem a objetivos mais elevados. As massas sentem que mais pode ser alcançado. Portanto, as metas

individuais mencionadas nesse slogan também podem se tornar um obstáculo para o desenvolvimento da luta. É importante que os trabalhadores mais conscientes e militantes já percebam isso. Portanto, o texto a seguir aborda cada uma dessas demandas em mais detalhes.

1. QUAL CONSELHO DE TRABALHADORES?

Até onde se sabe, a proposta de Ismail Bakhshi de estabelecer um Shora pretendia ser uma organização de trabalhadores de uma empresa para influenciar a política de sua empresa, independentemente de ela estar nas mãos de empresários privados ou nas mãos do Estado, como era o caso antes da chamada privatização.

Em quase todos os países industrializados, inclusive em estados abertamente governados por ditadores, essa representação de funcionários existe em empresas de determinado porte. Para fins de clareza, eu mencionaria esses "**conselhos de empresa**", como o "Betriebsräte" na Alemanha ou o "ondernemingsraden" no estilo alemão na Holanda. Esses conselhos de empresa são impostos por lei às empresas e geralmente estão vinculados ao movimento sindical legalmente reconhecido, ou seja, de fato, aos sindicatos estatais. Sua tarefa é monitorar o cumprimento das leis trabalhistas e dos acordos coletivos, desde que tenham sido ratificados pelo Estado. Eles só podem promover a **cooperação entre capital e trabalho**. E eles sempre o fazem. Nas situações muito excepcionais em que esses conselhos, ou seus membros, desempenham um papel positivo nas lutas dos trabalhadores, eles não o fazem como conselhos, mas como trabalhadores individuais. Se, nas eleições para esses conselhos legais, os trabalhadores conseguirem eleger colegas militantes como membros, eles descobrirão que, na melhor das hipóteses, eles não significam mais nada para eles. Geralmente, eles até se voltam contra a luta dos trabalhadores depois de serem doutrinados na aceitação do capital como inevitável por meio de treinamento e educação, e veem a colaboração de classe como a chave para o melhor de todos os mundos possíveis. As oportunidades de promoção na hierarquia da empresa e todos os tipos de vantagens, inclusive as ilegais, desde ingressos gratuitos para o futebol (Holanda) até visitas a bordéis (Alemanha), fazem o resto. Depois de serem eleitos pelos funcionários, esses representantes agem como bem entendem, assim como os membros de um parlamento.

Então, por que os governantes iranianos têm medo do que não precisa ser mais do que uma inocente comissão de trabalhadores e que, muito provavelmente, não era para ser outra coisa? Então, por que Ismail Bakhshi foi acusado de colocar em risco a segurança do Estado, por que foi preso, maltratado, torturado e, por fim, em uma tentativa de apaziguar os trabalhadores revoltados, colocado em prisão domiciliar? Porque as Shoras fundadas pelos **próprios trabalhadores, em luta por seus próprios interesses**, além dos partidos existentes e de outros interesses, podem evoluir de instituições inocentes para controlar o que acontece na empresa e de órgãos participativos inofensivos para organizações de expansão e coordenação da luta proletária. Por fim, na luta, eles podem se transformar em uma organização do poder dos trabalhadores, mais ou menos equivalente ao poder do capital, do Estado e do exército, e derrubá-los. Eu chamo esse último de conselhos de trabalhadores, para diferenciá-lo dos conselhos de trabalhadores legais.

Não nos esqueçamos de que a burguesia iraniana é atualmente a única no mundo que deve seu poder a um movimento de trabalhadores relativamente recente, o de 1978/1979. Ela sabe, por sua própria experiência direta, que quando os trabalhadores entram em movimento, não são tanto suas intenções iniciais que são importantes, mas aquilo a que são levados pelas circunstâncias e do qual se tornam gradualmente conscientes.

Não é coincidência o fato de os "Betriebsräte" terem sido criados na Alemanha **após** a Revolução de Novembro de 1918, quando parte dos "Arbeiter- und Soldatenräte" desafiou o poder do capital, do Estado e do exército, e **depois que** os Sovietes de Trabalhadores e Soldados na Rússia não apenas expulsaram o czar do poder (como o Xá em 1979), mas conquistaram todo o poder político e eliminaram o poder do capital, do Estado e do exército.

Essas perspectivas revolucionárias tornam interessante a análise das características organizacionais desses conselhos de trabalhadores. Assim, podemos ter uma ideia do que a criança que ainda está engatinhando e andando aprende, é capaz de fazer como um ser humano adulto que determina seu próprio destino.

O que emerge das imagens de vídeo da luta em Haft Tapeh e dos trabalhadores siderúrgicos em Ahvaz é a existência de **reuniões de massas de trabalhadores em**

luta, conhecidas na história como **assembleias gerais (AGs)**, a base sobre a qual uma organização de conselhos de trabalhadores pode se desenvolver. Nessas reuniões de massa, os trabalhadores podem pensar em voz alta, falando, discutindo diferentes pontos de vista sobre como levar a luta adiante e decidir em conjunto sobre ações de massa. Dessa forma, os trabalhadores se transformam de um conjunto de indivíduos impotentes, que apenas executam o que outro determinou, em uma unidade de luta que defende os interesses da classe. Pensar e agir, planejar e executar tornam-se uma coisa só.

O **tamanho** dessas assembleias gerais (AGs) varia, dependendo das circunstâncias, de todos os trabalhadores em um departamento ou pequena empresa a várias centenas ao ar livre ou, por exemplo, em um salão de fábrica ou teatro. Às vezes, é necessário fazer um controle para impedir o **acesso de espiões e provocadores internos e externos às AGs** e para permitir a presença de palestrantes externos confiáveis. Ao determinar o tamanho das AGs e o acesso, a vivacidade das AGs é decisiva: qual é a melhor maneira de permitir que os trabalhadores se expressem e troquem opiniões da forma mais ampla possível?

Portanto, é o **pensar e o fazer em massa** que está na vanguarda da organização que leva aos conselhos de trabalhadores. Algumas tarefas, entretanto, não podem ser realizadas em massa em determinadas circunstâncias. Por exemplo, é preferível ir em massa para outras empresas a fim de persuadir seus trabalhadores a participar da luta. Mas, às vezes, uma **delegação menor** é melhor. As negociações com **representantes** das autoridades ou da gerência da empresa são mais bem conduzidas em reuniões de massa, para que as massas possam decidir sobre as propostas no local. Mas os GAs também podem escolher representantes após a discussão em massa, que recebem um **mandato bem definido** dos GAs para fazer contato com trabalhadores de outras empresas ou para entrar em negociações. Esses representantes das AGs, portanto, não recebem um mandato para agir de acordo com suas próprias percepções e interesses, como fazem os parlamentares, membros do conselho de empresa ou representantes sindicais. Esses representantes nunca atuam sozinhos, mas em **comitê**, e verificam uns aos outros a execução precisa do mandato que receberam das AGs. Os representantes são responsáveis perante as AGs por qualquer mudança na situação e as AGs são livres **para, a qualquer momento, pedir contas aos representantes, demiti-los e eleger novos representantes**. Dessa forma, a representação reflete o desenvolvimento da

consciência, dos meios de luta escolhidos e das metas estabelecidas nas massas de trabalhadores em luta.

Na luta dos trabalhadores do açúcar e dos trabalhadores do aço, vimos porta-vozes que agiram, pelo menos, com o consentimento passivo das AGs. Pouco ou nada se sabe sobre discussões nas AGs, votos claros das AGs ao tomar decisões ou sobre a eleição de representantes com tarefas bem definidas. Portanto, isso fica para o futuro.

A composição das representações, independentemente de se tratar de um comitê local ou departamental ou, em um nível mais alto, dos conselhos de trabalhadores ainda a serem explicados, levanta a questão do **relacionamento com outras organizações, como sindicatos ou partidos**. Às vezes, os próprios trabalhadores insistem em nomear representantes de diferentes organizações de trabalhadores que, para seu pesar, discordam entre si. Ao representar essas diferentes visões proporcionalmente em um comitê ou conselho, supõe-se que a unidade seja criada. Independentemente de as eleições ocorrerem com base em listas compostas por partidos e sindicatos, ou de os representantes serem indicados diretamente por essas organizações, em ambos os casos, ignora-se que as diferentes visões devem ser expressas nas AGs, que a discussão ocorre nas AGs e que as AGs tomam as decisões com base na discussão, e não os líderes partidários e sindicais! Os representantes eleitos pelas AGs são eleitos como trabalhadores e não como membros de um partido ou sindicato e agem com base nas designações que receberam das AGs e não nas instruções do partido ou sindicato. Somente dessa forma é possível desenvolver a unidade de ação das massas.

Com relação ao fracasso da batalha na siderúrgica de Haft Tapeh e Ahvaz, já foi apontado aqui que fazer greve em duas cidades "próximas" (100 km) ao mesmo tempo não é suficiente, mas que a organização dos trabalhadores também deve se estender por áreas maiores. Uma representação das AGs de ambas as empresas pode oferecer uma solução para casos semelhantes no futuro. Isso geralmente é chamado de **conselho de trabalhadores**, ou seja, uma representação dos trabalhadores em uma área geográfica, desde uma cidade ou zona industrial até uma área dentro das fronteiras nacionais, ou além, na qual as AGs em luta desenvolvem um poder que desafia ou derrota o poder do

Estado e, então, exerce todo o poder. A forma de representação é exatamente a mesma que em um comitê⁴.

Até agora, analisamos apenas a forma da organização. Mas se a escolha da forma correta garante, notavelmente, que a representação por composição variável possa acompanhar o desenvolvimento da consciência, dos meios de luta e a escolha cada vez mais elevada dos objetivos da luta pelas próprias massas, a forma em si não oferece nenhuma garantia. A água não pode ser buscada com uma peneira, mas com um balde. Mas ainda é preciso que haja água no balde. Portanto, vamos nos voltar para o conteúdo das demandas separadas no slogan "*Pão, Trabalho, Liberdade e Conselho de Trabalhadores*".

2. NÃO QUEREMOS (APENAS) PÃO. QUEREMOS A PADARIA INTEIRA!

Exigir pão faz sentido enquanto a fome reinar enquanto os exploradores e opressores tiverem poder sobre a produção e a distribuição. É típico da podridão dos que estão no poder no Irã e do desprezo que têm por seu próprio povo o fato de estarem matando de fome grande parte dele, deixando de oferecer benefícios aos desempregados e até mesmo de pagar os trabalhadores pobres. Semanas de longas greves em empresas isoladas não foram suficientes para forçar concessões do poder. Dois dos meses de atrasos salariais da Haft Tapeh só foram pagos quando a luta dos trabalhadores ameaçou se espalhar por todo o país novamente, e não apenas em manifestações de rua como na virada do ano de 2017-2018. Desta vez, também houve ameaças de greves em várias empresas, de modo que, eventualmente, o setor petrolífero, que é vital para as exportações e as divisas, também poderia ser paralisado.

Mas os trabalhadores de empresas de importância vital ainda recebem salários e não são diretamente forçados a vender suas casas, como alguns dos trabalhadores siderúrgicos. Portanto, é importante formular demandas que envolvam na luta tanto os trabalhadores do setor petrolífero quanto os proletários desempregados. Se isso for bem-sucedido, nenhuma concessão será demais para que os governantes recuperem o poder que a classe trabalhadora, forjada em uma unidade de luta, realmente detém.

⁴ Para obter mais explicações, consulte, por exemplo, Anton Pannekoek "De arbeidersraden" (1946), publicado em vários idiomas. Consulte [An inventory of the writings of Antonie Pannekoek \(1873-1960\)](#).

Quando têm todo o poder em suas mãos, os conselhos de trabalhadores são capazes de iniciar a produção e os serviços e usá-los para seus próprios objetivos de classe. Mesmo antecipando essa situação revolucionária, isso já pode ser feito (como fizeram os comitês de greve na Polônia), fornecendo eletricidade a bairros populares e da classe trabalhadora, tornando o transporte público gratuito, mas boicotando distritos governamentais e bairros burgueses. Ao fazer isso, os trabalhadores em luta mostram que, como classe produtiva, eles oferecem à sociedade a perspectiva de produção e distribuição para as necessidades sociais, não dependentes do lucro, do mercado, do capital e do dinheiro⁵.

Essa proposta é bem diferente do "acesso à administração da empresa" pelos conselhos legais de trabalhadores para "controlar" a administração da empresa capitalista. No final, isso só pode mostrar o que já sabemos hoje, ou seja, que quando o mercado mundial domina, o aço, o açúcar e o papel, por exemplo, podem ser importados mais baratos do exterior.

Essa proposta também é bem diferente do apelo feito por Khomeiny em 1978/1979 aos trabalhadores grevistas do petróleo para que retomassem a produção em benefício do "povo", ou seja, mantendo o poder do capital, do Estado e do exército⁶. O mesmo pode ser dito das chamadas "revoluções" da Primavera Árabe, que, por trás de algumas mudanças cosméticas, mantiveram as estruturas de poder dos opressores e exploradores (Egito, Tunísia), ou que colocaram a população sob o terror de milícias armadas (Síria), controladas remotamente pelas superpotências regionais e imperialistas.

3. NOS DÊ TRABALHO? QUEREMOS ABOLIR O TRABALHO ASSALARIADO!

A demanda por trabalho, tanto por parte das empresas quanto por parte do Estado, é uma demanda lógica para os proletários desempregados que, devido à falta de meios de produção (como os agricultores e artesãos possuem), dependem do trabalho assalariado para sua existência. Assim como a demanda por pão, a demanda por trabalho só será atendida pelo capital no caso de um enorme desenvolvimento das lutas dos trabalhadores, e apenas temporariamente. O capital atual é cada vez menos capaz de absorver na produção as massas que ele privou de seus meios de existência em todo o

⁵ Consulte também F.C. The G.I.C. and the Economy of the Transition Period (O G.I.C. e a economia do período de transição).

⁶ M.G. Irã, crise, greves de trabalhadores.

mundo. Da mesma forma, o capital não está preparado para fornecer às massas proletárias os meios de vida produzidos pelos proletários trabalhadores. Conforme explicado acima, os trabalhadores proletários podem abrir suas empresas ocupadas aos proletários desempregados para permitir que eles participem de assembleias gerais conjuntas, possivelmente para incluí-los na produção. Após a tomada do poder pelos conselhos de trabalhadores, isso ocorrerá em grande escala.

4. QUE LIBERDADE? QUE TIPO DE PAZ? QUEREMOS A REVOLUÇÃO DOS TRABALHADORES!

A demanda por liberdade e a demanda por paz (que também é ouvida com frequência no Irã) são, na verdade, questões intimamente ligadas.

No momento, liberdade significa **estar livre da repressão estatal**, especialmente dos fanáticos paramilitares que formam as gangues Basij. Essas gangues agem como a polícia de choque e de vícios do Estado. Seu irmão mais velho, o Pasdaran, os soldados de elite do Corpo da Guarda Revolucionária Iraniana, é mantido em reserva em caso de guerra civil. Além disso, há o exército regular que opera em segundo plano após a queda do Xá. Os Pasdaran estão ativamente envolvidos nas guerras na Síria e no sul do Iêmen. No Líbano, os Pasdaran apóiam o Hezbollah. O imperialismo iraniano - juntamente com a Turquia, por enquanto - é uma potência regional contra o imperialismo da Arábia Saudita. A Rússia e a China apoiam o Irã como superpotências em segundo plano. Os Estados Unidos apóiam a Arábia Saudita. Em uma zona de guerra como o Oriente Médio, rico em petróleo e gás, na fronteira entre a Europa, a Ásia e a África, **a paz é apenas uma pausa entre as guerras imperialistas**. Para os Estados Unidos, o Oriente Médio não é importante para seu próprio fornecimento de energia, mas como um meio de controlar seus aliados e inimigos (o que mudou bastante desde o colapso do bloco russo) no resto do mundo. Trump pode agora querer se retirar, mas os EUA mantêm a possibilidade de bloquear o fornecimento de petróleo por terra e por mar por meios militares.

Uma mudança de regime no Irã para a "**democracia**" e a "**liberalização**" também não acabará com as guerras imperialistas na região, da mesma forma que a queda do Xá e de seus partidários e sua substituição por Khomeiny e seus partidários mullah não acabaram. A corrupção, o enriquecimento próprio das facções dominantes que lutam

entre si, o terror de Estado e a exploração dos trabalhadores, dos camponeses e de outras classes e estratos não capitalistas só aumentaram sob a pressão da crise global do capitalismo e das guerras imperialistas cada vez mais sangrentas.

Assim como a Primeira Guerra Mundial só terminou quando não só os trabalhadores e soldados da Rússia se rebelaram com seus conselhos e tomaram o poder, mas também os marinheiros, soldados e trabalhadores da Alemanha começaram a seguir esse exemplo, as guerras entre as potências imperialistas regionais e entre as superpotências só cessarão quando os proletários uniformizados voltarem suas armas contra seus próprios governantes. Poucos leitores acharão possível que os combatentes de milícias ideologicamente tão diversas, do Estado Islâmico aos curdos, fiquem mudos e voltem suas armas contra seus oficiais, que as unidades do exército se desfaçam e os soldados voltem para casa com suas armas, que outros operem como unidades rebeldes organizadas em conselhos de soldados.

O início desse fim da guerra imperialista pode ser o fato de os jovens desempregados manifestantes reverterem o jogo de gato e rato com os Basij em suas motocicletas e, em cada vez mais casos, não fugirem, mas atacarem e roubarem as armas da polícia. Ou talvez os trabalhadores em greve abram suas empresas ocupadas para ex-soldados que saibam manusear armas e ensinem isso aos trabalhadores. Nas fábricas, os depósitos de armas serão escondidos e os depósitos de armas dos quartéis e das delegacias de polícia serão invadidos; em outros casos, eles serão tomados quando os trabalhadores e soldados revolucionários entrarem.

Nessa situação, é de extrema importância que **apenas os trabalhadores organizados em conselhos estejam armados** e que os trabalhadores não confiem em nenhuma proteção prometida por unidades insurgentes do exército, como a polícia militar COPCON na "revolução" portuguesa dos cravos, por forças policiais "socialistas", como as do Comissário Eichhorn e da "Divisão da Marinha do Povo" na fracassada Revolução Alemã de 1918-1923. Os iranianos que viveram a experiência de 1978/1979 podem contar à geração mais jovem como, após a queda do Xá, o Pasdaran retirou as quantidades de armas presentes entre os civis, muitas vezes à noite e à força, e depois encheu as prisões com qualquer pessoa que fosse contra eles ou que pudesse se tornar contra eles. Nunca mais!

FINALMENTE

Fica claro, pelo exposto, que a revolução proletária e sua expansão não são apenas uma questão de violência ou poder militar. O que vemos diante de nós é a ascensão autoemancipatória das massas de trabalhadores que querem pôr fim à sua opressão e exploração. Portanto, a revolução proletária também pode pôr fim a qualquer exploração e opressão de uma pessoa por outra.

Fredo Corvo, 23 de dezembro de 2018